

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Pará

Class.: Tembé 87

Data: 05/02/93

Pg.: Caderno D

Fotos: Elza Lima

# Tembés redescobrem sua cultura, mas estão em guerra

Hamilton Braga  
Da Editora de Cultura

Os índios tembés, depois de ter sua cultura quase dizimada, retomam suas raízes, por uma questão de sobrevivência. 40% de suas terras estão invadidas, enquanto a Justiça cruza os braços. O jeito é entrar em guerra.

*(...)Virá aquilo, que nesse momento, se revelará aos povos, surpreenderá a todos não por ser exótico, mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto, quando terá sido o óbvio. (trecho final de Um índio, de Caetano Veloso)*

A composição de Caetano, da década de 70, sintetiza poeticamente o relacionamento dos *civilizados* e índios. Na canção, um índio virá de uma estrela, após o extermínio de sua raça no Planeta. Impávido, apaixonado, tranquilo e infalível mostrará aos exterminadores sua tecnologia natural, sua beleza, e então estará exorcizando qualquer exotismo e ficará claro que a riqueza, coerência e amor — dizimados por serem incivilizados — eram tão óbvios, daí a surpresa.

Os índios da tribo Tembé depois de quase sucumbirem culturalmente devido ao conflito com brancos, começam a perceber novamente o óbvio de seu sentido de vida, que é a sua cultura. Voltaram a se pintar, lidar com arco e flecha e dançar. A dança dos índios os levam ao movimento natural de seu espírito, abalado profundamente pelo preconceito dos brancos.

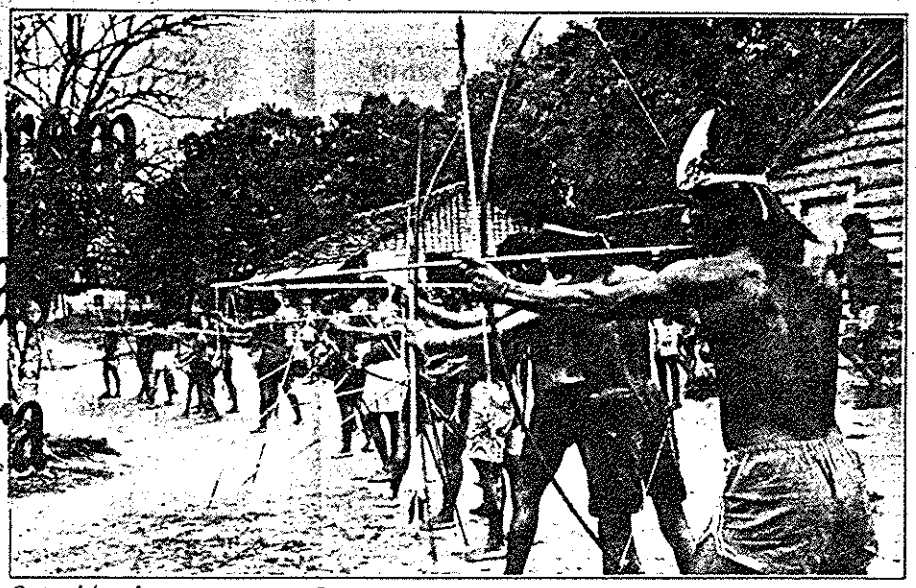
Pode-se afirmar que a retomada cultural dos tembés, intensificada no início da década de 80, é um impulso de vida, como o que toma alguém prestes a morrer, mas que sabe ser possível a vida. Divididos basicamente em duas regiões — Alto Rio Guamá e Gurupi, no noroeste paraense e divisa com o Maranhão — os tembés estão em confronto com os posseiros e fazendeiros (estes, pela lei) que vêm ocupando suas terras há anos. Mas antes de entender essa parte mais recente de sua história, é necessário perceber o início.

**Choque cultural** — A Europa, quando se expandia pelos mares e oceanos em busca de novas terras, no século XVI, se sentia o berço do mundo, como também o ideal de civilização (parece que não se livrou disso até hoje) e a religião cristã era ultra-ortodoxa. Quando chegaram ao Brasil e viram índios nus e com rituais religiosos complementares diversos, foi um choque, era como se o europeu se confrontasse com sentimentos arcaicos seus, moralmente deploráveis.

Os europeus, muito etnocêntricos (não-relativistas, percebendo as culturas a partir dos valores da sua), nos primeiros séculos se dedicaram a catequização dos índios, afinal o Deus branco, segundo a Bíblia, necessitava que Sua palavra fosse estendida a todos. O processo de aculturação se iniciou, pois os europeus mexeram com o núcleo religioso, um dos mais importantes para o equilíbrio psicológico de uma cultura.

Os anos foram passando: índios catequizados, definidos como preguiçosos, inadequados a escravatura, morriam de epidemias trazidas pelos brancos e hoje, de habitantes de um continente, são marginalizados e tratados como um problema. Sem a tal intervenção apocalíptica divina, estão mesmo nas mãos das leis dos *civilizados*.

**Os tembés** — No século XIX, segundo documento sobre a história dos tembés, fornecido pela Funai, começaram as invasões de suas terras. Esses índios são originários da imensa nação Tupi-Tenetejara e moravam no



Os tembés voltam a usar arcos e flechas

Vale do Pindaré, no Maranhão, quando se iniciou a colonização portuguesa. Entre 1830 e o fim do Império, os tenetejaras se dividiram entre o local de origem, até às margens do Rio Guamá, aqui no Pará, onde passaram a ser chamados de Tembé. E num processo que não se evitou, prosseguiram as invasões de terras indígenas, para a extração de oleícolas e outros bens naturais.

A primeira vez que a "assistência" aos índios deixou de ser religiosa, foi com a criação do SPI, um sistema que protegeria e estudaria os índios, isso em 1910. Uma década depois se constatou que os tembés se relacionavam com negros de Grajaú e cearenses. O SPI criava postos indígenas e observou-se que os índios abandonavam suas aldeias para se instalarem às margens do Rio Gurupi, próximo aos postos. Ainda na década de 50, foi criada a Funai.

As invasões prosseguiram: nordestinos fugidos da seca se instalavam dentro das terras indígenas, e em 1945, o interventor do Pará, Cel. Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, reserva, via decreto, a faixa de terra à margem direita do Rio Guamá e es-

entre outras que não cumpriu — de que a obra seria patrimônio dos índios.

**Guerra** — Muitos problemas aconteceram e, de fato, os tembés deixaram de lado muitos de seus costumes. Mas, segundo a antropóloga da Funai, Carmem Affonso, eles nunca deixaram de pensar como Tembé. Hoje retomam manifestamente seus rituais e tentam, por conta própria readquirir a área ocupada por posseiros, que estão destruindo a floresta. Foi-se o tempo em que as tribos guerreavam entre si. Hoje o maior inimigo é o branco, que com suas máquinas encanta, mas com sua ideologia extermina. Enquanto os índios viveram da natureza preservando-a (praticando o óbvio), em décadas os posseiros destruíram o que jamais os índios haviam destruído. Os rios já não têm tantos peixes, e as áreas originalmente de caça estão ocupadas por cidades (como Capitão Poço) e fazendas.

Os índios estão agindo, devido à ineficiência da Justiça. Há um processo desde 1979 para a retirada do fazendeiro Mejer, mas, segundo Carmem Affonso, 10 anos o processo ficou parado e não se sabe se irá logo para



A pintura, a dança e artesanato voltam a ter força entre os tembés

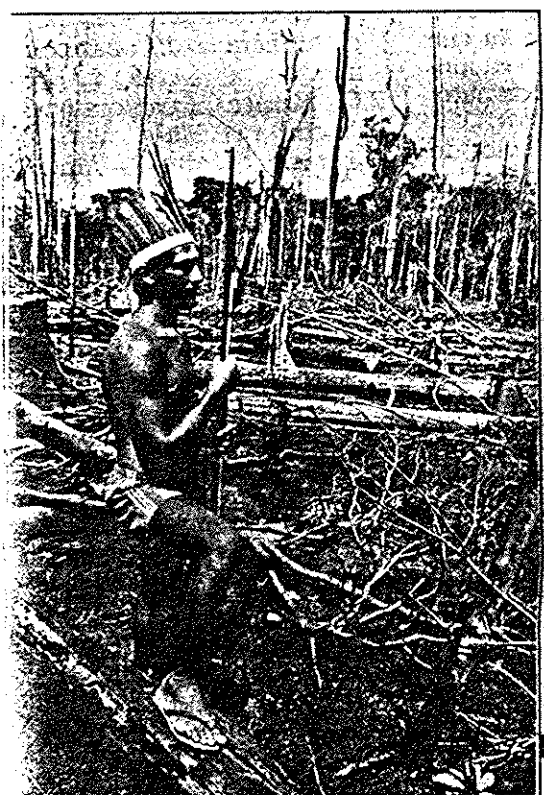
querda do Rio Gurupi aos tembés, timbiras, urubus e guajás. Era a primeira de uma série de demarcações com paralelos desrespeitosos à lei de área reservada.

São muitos fatores históricos que complicaram a vida dos tembés, que, se expostos integralmente, tornariam extensa em demasia e enfadonha esta desprezível matéria. Vamos dar um salto: na década de 60, com a política desenvolvimentista do governo JK, abre-se a Rodovia Belém-Brasília, dando origem a outras estradas. O governo incentivou a implantação de grandes projetos, reconhecidamente hoje inadequados e maléficos. A Funai reconhece hoje que muitas empresas nocivas se instalaram na Amazônia com sua ajuda. Em 1970, o presidente da Funai, general Bandeira de Melo, pede o fim da reserva dos tembés, alegando que estes não eram mais índios (devido à aculturação e miscigenação). Por esse motivo, a Cia. Agropecuária do Pará conseguiu 11 mil hectares entre os Rios Coaraci-Paraná e Gurupi. Isso é só um exemplo. Outro salto: estamos em 1976, a empresa Mejer abre uma estrada por dentro da reserva dos tembés, com a promessa —

frente. Os posseiros aproveitam, vestem-se da afirmativa de que não aceitam discriminação: só saem da área do Alto Rio Guamá se os fazendeiros também saírem.

Uma estrada, que liga Bacaba a Bragança foi interdita recentemente, e a culpa caiu sobre os índios, mas há indícios de que se trata de uma jogada, em represália às ações dos índios, que roubaram um motor dos posseiros e mataram alguns de seus animais à flexa. Não para aí: o funcionário da Funai, Dilson Oliveira Marinho, foi ameaçado de morte por um posseiro, pela suposta ação de Dilson, insuflando os índios. Ele não é o único ameaçado de morte. A Polícia Federal já foi acionada. Para a chefe da Divisão Fundiária da Funai, Célia Fonseca Silva, deveria haver uma milícia de forças entre índios e posseiros para exigir do Governo Federal uma área para a transferência dos posseiros, que junto com os madeireiros e fazendeiros ocupam 40% da reserva indígena dos tembés.

Complicações armadas e burocráticas, por si só, são uma forma de extermínio da cultura indígena. Imagine só.



rea devastada por posseiros, retomada pelos tembés